



CORPO DE DELITO

O segredo de justiça no sapatinho

Se não acreditássemos tanto no Pai Natal talvez não tivéssemos perdido o bom hábito de fazer como Poirot, usando as celuzinhas cinzentas e perguntando pelo motivo. A quem interessa?



Rui Patrício

Suponho que o leitor acredite que no Natal é um senhor de barbas brancas e fatiota vermelha que enche o sapatinho ou a peúga de presentes. E suponho que acredite que os bebês vêm de Paris no bico da cegonha e que Mr. Spock nasceu mesmo em Vulcano e aquelas orelhas não são um truque de maquilhagem. E, tal como o leitor, muitos outros haverá – certamente a maioria dos portugueses – que acreditam nessas coisas, entre outras que aquecem o coração e sossegam a mente. E suponho que seja a essa imensa maioria – para não dizer a todos, evitando a hipérbole – que se dirigem alguns quando falam sobre a violação do segredo de justiça. A imensa maioria de crédulos acredita, certamente, que a impressão digital (às vezes tão nítida) que essa violação apresenta, em cada momento e em cada processo, é só uma aparência ou uma cabala, e que a violação não vem de onde se está mesmo a ver.

Se não acreditássemos tanto no Pai Natal, talvez não tivéssemos perdido

o bom hábito de fazer como Poirot, usando as celuzinhas cinzentas e perguntando pelo motivo. A quem interessa? Porque saiu naquele momento? De onde poderia, na realidade, ter vindo? Fazer estas perguntas e ter a coragem e a limpidez de responder, em cada caso concreto, não resolve tudo, mas é mais de meio caminho andado. E é também um bom antídoto para não nos quererem fazer de parvos, e para nós não deixarmos. Isto se quisermos que não nos façam de parvos. Podemos não querer. Seja para nos mantermos embalados enquanto vemos a cegonha a voar com o bebê bem aconchegado, seja para continuarmos a dar alimento ao nosso gosto, irreprimível, de ver marqueses, duques, condes, viscondes, barões e baronetes no patíbulo da exposição pública, o que – à falta de outros patí-

Suponho que acredite que os bebês vêm de Paris no bico da cegonha, e Mr. Spock nasceu em Vulcano

bulos de boa memória e maior sofrimento – sempre alivia a alma e enche o olho.

Se não quiséssemos que nos fizessem de parvos, somaríamos dois e dois, por exemplo, quando numa operação secreta e de surpresa, subitamente, estão as televisões à coca, em tempo real e em directo. Está-se mesmo a ver, não? Não – dizem alguns. E nós, no embalo, fazemos sorriso de rena e lá vamos indo, crentes e ao mesmo tempo divertidos com o espectáculo. E também, se não quiséssemos que nos fizessem de parvos, somaríamos dois e dois quando, repetidamente, se viola o segredo, sempre num mesmo sentido, criando um fortíssimo caso público, e às tantas o caso está sólido e incontornável. Mas não somamos, e ouvimos o que nos dizem com disposição para acreditar (ou cinismo). E também acreditam que o que se passa fora do processo nestes casos não tem influência dentro do processo, não acreditam? Claro que sim, da mesma forma que a Heidi e o avozinho vivem felizes para sempre e o Marco encontra a mãe. Continuem a fazer-nos de parvos, que nós deixamos, e até parece que gostamos. Acreditemos no Pai Natal, sim, mesmo quando apanhamos o papá ou a mamã cheios de fuligem da chaminé, depois de terem enchido o sapatinho ou a peúga de presentes.

Advogado

Escreve quinzenalmente ao sábado